ANNO I — S. João d'El-Rei, 20 de Setembro de 1885 — N. 1

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno .... 6$000
Semestre. ..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno ...... 6$000

Escriptorio e officinas — Rua do Duque de Caxias, 54

SUMMARIO

EXPEDIENTE

São correspondentes d'*O Domingo*: — Em Ouro-Preto, Alfredo Guerrier; na Victoria, Antonio Joaquim Rodrigues Junior; no Rio-Novo, Candido Virgilio de Albuquerque; com os quaes poderão se entender os nossos assignantes d'essas cidades.

O DOMINGO

S. João d'El-Rei, 20 de Setembro de 1885.

APRESENTAMOS hoje *O Domingo* e para elle pedimos um recanto obscuro nos arraiaes da imprensa mineira.

Vamos experimentar as forças na grande lucta em que nem sempre triumpham os batalhadores convictos e, por isso, não prometemos muito. Mas, chegamos á arena jubilosos, expansivos, tomados do enthusiasmo animador da crença, — porque somos moços e ainda não sentimos n'alma o gelo enervador do septicismo.

Em que pese a uns tantos pessimistas que por ahi andam a desanimar o que apparece de novo — embora seja util, — temos a certeza de obter a coadjuvação poderosa dos espiritos adiantados, que comprehendem o elevado dever de amparar tudo o que póde servir de auxilio á grande causa do progresso intellectual do povo.

Contando com a benevolencia dos doutos, hão de permittir-nos a liberdade de não tomar em conta o motejo dos egoistas, ou a reprovação dos nescios.

—

O Domingo adopta um programma ainda não seguido por jornal algum d'esta provincia.

Será uma folha exclusivamente litteraria, recreativa, de uma leitura facil e interessante, que distraia aos seus leitores, offerecendo-lhes ao mesmo tempo alguma cousa proveitosa.

Pela redacção composta de dois legionarios de idéas politicas diametralmente oppostas, — vê-se claramente que o nosso jornal não tomará a defeza do programma de qualquer d'esses dous partidos militantes, que mantêm entre nós uma luta singular e tão pouco attrahente.

E' outro o dominio em que pretendemos labutar.

Quando appareceu na côrte a *Semana* e desenvolveu o seu brilhante programma, nasceu-nos um desejo ardente, que aos poucos foi-se tornando vontade inquebrantavel, de fundar na provincia um periodico que seguisse aquella mesma orientação.

N'um meio tão diverso e baldo dos recursos mais imprescindiveis para emprezа de tal especie, ser-nos-ia impossivel offerecer as vantagens de que hoje dispõe a folha de Valentim Magalhães. Fizemos, todavia, tudo o que podiamos fazer para que o nosso emprehendimento se iniciasse com o mais que pudessemos conseguir aqui.

Para o futuro iremos empregando, com dedicação tenaz e imperterrita coragem, o melhor de nossas forças para merecermos, ao menos, a boa vontade dos assignantes, que nos honrarem com sua confiança.

Litteratura amena, critica litteraria, theses scientificas ou sociologicas, questões que se possam discutir em face da Lei e da Verdade, noticia mais ou menos desenvolvida do que apparecer de novo e de bom no mundo das lettras; poesias, anedoctas, charadas, — tudo isso procurará *O Domingo* dispensar aos seus leitores, na certeza de que iremos empregando esforços para introduzir em nossa folha os melhoramentos que se forem tornando convenientes, no intuito de attrahir sobre nós as sympathias dos que a acceitarem.

—

A's nossas graciosissimas leitoras offereceremos tambem leitura *utile dulce*.

Temos na côrte uma talentosa escriptora, nossa estimavel correspondente, incumbida de remetter-nos artigos sobre modas e outras actualidades de palpitante interesse para o sexo amavel.

De resto, até sacrificios faremos, como já temos feito, afim de satisfazer a todos e cumprir as difficeis clausulas do compromisso, que hoje contrahimos.

Promettendo seguir um caminho ainda não traçado no jornalismo de Minas-Geraes, *O Domingo* espera conseguir a protecção efficaz de que necessita para completa realisação do seu espinhoso e arduo tentamen.

Confiados no adiantamento intellectual d'esta cidade e, sobretudo, na boa impressão que o programma de nossa folha causou no espirito publico, quando previamente annunciado, damos hoje o primeiro passo, cheios de coragem e amparados por uma forte esperança — animadora e grata — de que não seremos desilludidos.

O que promettemos será cumprido fielmente. Os grandes sentimentos de justiça que exornam o caracter dos nossos conterraneos, garantem-nos,

por certo, um caminhar desassombrado e firme.

Assim não venha o desengano amargo desanimar cruelmente os que vão-se empenhar na luta — porque ainda creem e porque ainda confiam . . .

—

A alguns collegas da imprensa, nomeadamente o *Diario de Noticias, Arauto de Minas* e *Gazeta Mineira*, agradecemos as benevolas expressões com que se dignaram annunciar o apparecimento d'este modesto semanario, e de todos esperamos os exemplos de prudencia e de cordialidade, que os provectos não devem negar aos que começam sem pretenções vaidosas, sem interesses individuaes e mesquinhos e sem outro viso a não ser o de prestar um serviço — pequeno embora, mas nobre e louvavel — aos filhos da terra á que estão presos por tantos laços de amor e do mais desinteressado reconhecimento.

—

O preço das assignaturas d'este hebdomadario, relativamente ao seu formato e ao caminho que pretende seguir, é o mais commodo de todos os jornaes da provincia e o mais razoavel possivel.

Por ahi se vê que pretendemos por todos os modos significar que não é o interesse o motor principal da nossa iniciativa.

Ao trabalho, poetas!

QUE vai se desenvolvendo progressivamente e energicamente entre nós o gosto litterario, prova-o a grande quantidade de contos e de versos bons e máos que apparecem diariamente, como manifestações inequivocas de tendencias naturaes,ou de esforços sobrehumanos. Os poetas, não no sentido rigoroso da palavra, já não constituem um grupo distincto — a classe dos privilegiados — na sociedade. Mais ou menos artisticos, caprichosos ou descuidados na forma, fazem-se milhares de versos, traduzem-se em quadras e sonetos milhares de impressões delicadas ou extravagantes; e a idéa da poesia, que outr'ora se restringia a um pequeno grupo, vai grangeando adeptos entre os quaes, si alguns desanimam e depõem a penna ante as primeiras decepções, encontram-se muitos que se entregam ao estudo e ao trabalho, os grandes factores do desenvolvimento intellectual.

Ser poeta, e[illegible] ideal da épocha!

Enche-nos de jubilo a disposição de espirito em que vemos a mocidade, e applaudimos essa ambição, esse desejo ardente de conseguir pelo talento e pelo trabalho farta colheita de louros nas incruentas luctas da Intelligencia.

Cumpre-nos, porém, não applaudir somente a evolução que se opera no mundo litterario, deixando-a como a torrente que, á falta de leito para contel-a, espraia-se e converte-se em elemento de destruição, seguir sem norte, impedindo os ineptos o caminho aos que têm verdadeiramente no espirito uma particula do «quid divinius.» Animar aquelles que se revelarem aptos para as lettras, [illegible]tando-os com o apoio de nossos conselhos, e desviar do caminho os que, impellidos pela benevola mas prejudicial critica de compadres, ambicionam triumphos litterarios, afastando-se de suas verdadeiras aptidões, tal é o nosso dever, tal o nosso fim. Segundo P. Véron,é poeta todo o homem accessivel a uma impressão qualquer; mas saber observar-se, transmittir a outrem o que sente, communicando-lhe as mesmas impressões, taes são os attributos necessarios para que um individuo seja considerado verdadeiro poeta. E' claro que estes attributos, não se podendo crear, pódem todavia desenvolver-se; e, sendo muitas vezes a imitação a causa de se atrophiarem innumeras organisações poeticas, desviando-as da vereda que lhes traçam as impulsões do talento, á critica justa, mas generosa, compete collocar-se ao lado dos que, não se contentando com os triumphos em familia, aspiram a maiores encomios, aos inebriantes applausos do publico. Para estes, desde que ao desejo de apparecer se allie a vontade de aprender, é de incontestavel vantagem a Critica que julga, ensinando, que, pondo em evidencia os defeitos, indica tambem os meios de evital-os. Receber de outro modo a principiantes, a individuos que, ignorando as regras da Arte, pódem comtudo aperfeiçoar-se pelo estudo, além de pouco generoso, seria de pessimos resultados, pois, oppondo-lhes o desanimo e o receio, de alguma sorte impediria o desenvolvimento litterario. Pensando d'este modo e desejando concorrer para o bom exito dos esforços que vemos a mocidade empregar, tomamos a resolução de franquear-lhe as columnas d'«O Domingo,» no qual serão publicados os trabalhos litterarios em que encontrarmos o necessario merecimento.

Ao trabalho, pois, poetas!

Extravasai no verso todo esse esfervilhar de sentimentos que são os companheiros de vossas noites de insomnia, mas trabalhai sempre, tendo presente em vosso espirito esta animadora phrase de Arrien: «Si tu veux rester habile dans un art, pratique-le sans relâche.»

B.

SOBRE A MESA

Agradecemos penhoradissimos á illustrada redacção d'*A Democracia*, de S. Paulo, a amabilidade com que nos tem remettido a sua folha, mesmo antes do apparecimento da nossa. Do provado cavalherismo de A. Ayrosa, o talentoso defensor da causa santa da democracia, não podiamos esperar outro procedimento.

Atravéz da politica

AFINAL, acalmaram-se as expansões ruidosas; os impetos febricitantes dos patriotas conservadores arrefeceram um pouco, comquanto perdure ainda a tristeza dos liberaes não menos patriotas.

A movimentação accelerada das turbas que subiram ao cume d'essa

montanha encantada d'onde se avista de perto o radiante sol do orçamento, — deu lugar a um caminhar moderado, precavido, de chefes meticulosos, que não querem descer, de pretendentes assustadiços, que não querem atacar o systema nervoso dos deuses do OLYMPO, onde VULCANO não forja raios, mas JUPITER vibra demissões e nomeações com uma liberalidade mais do que mythologica . . .

Já se vão restabelecendo as cousas, um tanto degringoladas pelo successo de 20 de Agosto.

Os que cahiram, menos atordoados, começam a trilhar a sua vereda de adversarios vencidos, machinando na sombra tremendas vinganças, occultos, sem bulha, sem matinada, planejando lutas, creando periodicos de reacção, mantendo sua raiva surda e impotente, a sonhar victorias proximas futuras . . . Os que ascenderam accendem o fogão economico de seus sentimentos de patriotismo obrigado a um talher na mesa do Thesouro, ou, quando nada, a um coronelato da guarda sem soldados — e nacional ; e riem-se alegremente, em familia, dão piparotes bregeiros nos abdomens salientes de uns tantos commendadores, que exultaram com a subida do novo partido, porque o cambio subio tambem ; e andam satisfeitos, impando de esperanças, azafamados, rijos, empavesados como si tivessem o rei na barriga . . .

Que bom que é estar-se de cima ! « De cima ! » — que musica suave, animadora, que harmonia attrahente . . .

Como se fica intelligente, prompto para todos os cargos, habilitado para tocar uma variação em todo o teclado do funccionalismo publico, quando se está « de cima! »

E, sobretudo, patriota ; como sentimos fortalecer-se em nós a fibra sagrada do mais acendrado patriotismo, quando o nosso partidinho, o nosso querido partido sobe ! . . .

Os soldados do partido da ordem já abriram, entretanto, um interregno em suas manifestações enthusiasticas . . . Porque ? pergunta o leitor malicioso ; serão as pretenções que começam ?

Talvez. E' preciso prudencia, é preciso moderação . . . »

Vemos por ahi tanta cousa interessante . . .

Aqui — uns velhos sisudos contemplam a numerosa prole idonea para todos os empregos publicos, e volvem olhos piedosos para o tecto, onde julgam ver um deus misericordioso . . . na pessoa do SR. COTEGIPE ou do SR. J. DELPHINO ; alli — vinte rapazolas vadios sorriem gananciosos para um lugarsinho de amanuense, que vagou ou vai vagar ; acolá . . . mas o leitor pensa que me chegaria o espaço de que disponho para apontar os bizarros e variados paineis que aos nossos olhos se apresentam quando se muda uma situação ? Seria difficil e perigoso. Não haveria uma carapuça que não servisse n'uma cabeça, e eu respeito muito as fraquezas do nosso proximo e perdôo-as sufficientemente para insistir na pintura d'esses quadros. Demais, precisaria de um « atelier » infinito . . .

— O ministerio do SR. SARAIVA cahio ; cahio como um fructo demasiadamente sazonado : — por si.

Aquillo foi sacudir um pouco a arvore e — záz ! Não lhe valeu o amparo de um florido « prado » . . . O fructo rolou e foi cahir n'um paul escuro, execrado pelos corações generosos.

O partido liberal viveu nos ultimos tempos do seu reinado pelo elemento servil e para o elemento servil.

O SR. DANTAS, com a coragem sublime da convicção e com o ardor enthusiastico da coragem, escreveu uma pagina brilhante na historia d'esse partido, que, positivamente, não a tem muito gloriosa.

O destino caprichoso, por um lado, e, por outro lado, o capricho de entidades pretenciosas que a inveja feria e que os interesses proprios cegavam, — não deixaram o illustre estadista completar o capitulo que seria o mais luminoso do livro dos acontecimentos politicos do BRAZIL, n'estes ultimos tempos.

Veio o SR. SARAIVA, o escolhido de D. PEDRO II, o MESSIAS desejado, não das nações, mas do imperador e aulicos circumvisinhos ; veio e desmanchou o que estava feito, refundio, engendrou cousas « mais adiantadas » e . . . atrazou-se a mais não poder. Apresentou um projecto hybrido, inconveniente, nem liberal, nem conservador, nem republicano, nem abolicionista, nem escravocrata, unicamente — deshumano, simplesmente — monstruoso, na phrase do SR. CHRISTIANO OTTONI.

Chegou o SR. COTEGIPE. Os conservadores exultaram — no que fizeram muito bem. Falou-se na « aurora da regeneração. » Choveram manifestações e discursos, houve fóras e vivas, explosões de raiva e brados de contentamento, gritos de triumpho e berros de indignação, — foguetes, « turcas, » bestialogicos, versalhada, o diabo . . .

« Boum ! c'est la canon ! » — E tocou-se o hymno. O paiz inteiro foi — uma saturnal.

Pois si a « aurora da regeneração » surgia . . .

Muitos abyssinios vi eu, no meio de tudo isso, virando pelo avêsso o casaco com que tomaram parte na na festa das phalanges liberaes, outr'ora, — apedrejando o sol, que descambava no occaso . . .

O mundo é assim . . .

—O projecto servil entrou em discussão na camara dos velhos.

Discutiram muito os padres conscriptos, com a sua rethorica um tanto vetusta, mas fortalecida pela pratica e pelas lições da experiencia. A porção mais adiantada e mais intelligente combateu o « monstro. »

Em todo o caso, o projecto passou porque houve maioria... arranjada pelo governo.

Sim, porque até no senado os nossos governo «arranjam» maioria, —o que não seria digno, nem honesto, nem decente n'outro qualquer paiz... Entre nós não admira porque nós somos um povo acostumado já a essas brilhaturas da nossa alta politica, e respeitamos muito a lei dos «precedentes,» a doutrina das «tradicções»...

Foi approvada na camara temporaria a prorogativa do orçamento. Os ex-representantes concederam leis de meios ao governo conservador. Assim como assim, estavam mesmo «despachados,» e não valia a pena tomar desforço, negando uma cousa que prejudicaria, antes de tudo ao pobre BRAZIL, esse inditoso, que já vive ahi tão exhaurido de forças...

Entre as emendas approvadas com esse projecto houve o que nos despertasse o mais vivo enthusiasmo. — Foi supprimida a pensão ao SR. DUQUE DE SAXE, um figurão madraço, que ahi andava muito garboso, viajando a custa do nosso rico bolsinho. Bravissimo, pais da patria! E' preciso combater a caterva dos vadios inuteis...

A prebenda da alimentação dos principes D. LUIZ e D. JOSÉ e dos vencimentos dos mestres da casa imperial tambem foi supprimida. Isto era um complemento d'aquillo. Bravissimo, outra vez! Nos seus ultimos dias foi que a augusta camara apresentou as suas primeiras idéas dignas de verdadeiro applauso.

— Agora, dissolvida a camara, voltarão os papagaios aos lares patrios e lá vão tentar de novo empoleirar-se nas cadeiras da gaiola parlamentar... onde pódem viver — e comer á grande — sem immediata necessidade de aprender... ao menos a falar!

Cá os esperamos com anciedade, pois que a ausencia dos illustres representantes representa para nós a ausencia de assumptos palpitantes — n'esta secção.

GEORGINO.

NO TEMPLO

No templo em densas trevas sepultado,
A lampada que a Fé conserva accesa,
Como uma estrella de infima grandeza,
Brilhava junto ao DEUS *crucificado.*

Ia morrer no bello altar doirado
De seu clarão a dubia tibieza,
Uns tons suaves dando de tristeza
Ao semblante do CHRISTO *macerado.*

Assim meu coração — o lampadario
Do peito meu que fez-se teu sacrario,
Na treva dos pesares se extinguindo,

Arde por ti sem ver-te no semblante,
Reflexos d'este amor edaz, constante,
Que os dias meus, cruel, vai consumindo.

JOSÉ BRAGA.

Secção das senhoras

EM QUE PARAM AS MODAS...

Côrte, 15 de Setembro de 1885.

PRIMEIRAMENTE tenho de agradecer a delicadeza com que a redacção d'*O Domingo* convidou-me para enviar-lhe, de quando em vez, algumas linhas, dando conta do que houver de novo sobre modas, — essa inimiga terrivel dos burguezes, esse espantalho dos papais economicos, esse perigo horrendo para os que não têm a intuição do *chic*.

Vai-me ser bem difficulto-o o encargo. Acceitei-o por invencivel imposição de sympathia e de reconhecimento a esses moços generosos, que se lembraram de uma desconhecida para occupar um espaço na honrosa secção consagrada especialmente ás illustradas leitoras de S. JOÃO D'EL-REI, — as quaes de ha muito estimo pelas informações que tenho de sua amabilidade, de seu talento, e, sobretudo, de seu bom gosto.

Não me desculparei da ousadia com que tomo conta d'esta incumbencia. Houve para isso motivos especiaes. As leitoras sabem a que imprudencias nos levam os impulsos de uma sincera amizade, boa e desinteressada.

Eis-me no posto. Nunca fui escriptora, sabem? Vão relevando, desde já, as incorrecções da fórma, o desalinho da linguagem... Contar-lhes-ei o que fôr vendo e apreciando aqui pelo nosso mundo elegante, mas, tudo isso assim, naturalmente, singelamente, sem atavios, sem rendilhados.

Não gosto da faceirice (não riam-se, não, que é exacto!) e no estylo, mesmo se gostasse, eu não seria faceira, porque o não podia ser.

Perdôem-me estes rasgos de modestia, que, á primeira vista, parecem convencionaes, mas que, por convicção, vou fazendo para prevenir a boa fé das minhas formosas leitoras d'essa terra hospitaleira.

Si não começo dando já um *compte rendu* do que appareceu ultimamente de novo e de *pchutt* no mundo das modas, a culpa é... desculpem-me a franqueza com que accuso para me defender — a culpa é d'*O Domingo*.

Demorou o aviso que me promettera sobre o dia do seu apparecimento e isto determinou a pressa com que fui obrigada a encher estas quatro tiras, para chegarem a tempo... de eu não faltar a meus compromissos...

Não darei hoje uma noticia mais ampla das *toilettes* modernas das bellezas d'este *grand monde*.

Fal-o-ei de outra vez, promettendo, desde já, apresentar o apanhado mais completo que fôr possivel.

Mas, não concluirei sem falar ás minhas leitoras de uma *toilette* de passeio que vi hontem e que pela delicadeza da confecção, pelo bom gosto e elegancia que apresentava, não me sahio da memoria.

Era uma das filhas do commendador M..., a encantadora OLYMPIA, uma trigueira corada, de grandes olhos negros rutilantes, capazes de fulminar um santo...

Mademoiselle OLYMPIA usa sempre de côres claras, porque sabe que lhe são as mais favoraveis.

Seu vestuario hontem era de um formoso azul pallido. A saia de setim, coberta com uma segunda saia de renda franzida na cintura e com uma tunica-avental, tambem de renda, graciosamente guarnecida de tiras do

ottomano. As tiras estavam dispostas com muita regularidade, guardando certa distancia umas das outras, pregadas de cima até em baixo e terminando n'uma especie de elo, com uma ponta aguda subposta.

A segunda saia era franzida n'um cinto e ia fechar-se atraz por um laço —puff, dado com uma fita azul escura, bastante larga. O corpo todo rendado, sobre transparente, trazia trez ordens de fitas, de dous dedos de largura, da mesma côr do vestido, habilmente dispostas, em forma de suspensorios. As mangas, rendadas como o corpo, não passavam dos cotovellos, acabando em duas ordens de fitas.

A seductora joven, uma das mais brilhantes estrellas da constellação do *high life*, trazia luvas claras e leque; o chapéo era bellissimo, combinando perfeitamente com o vestuario. Feito de palha grossa, artisticamente preparada, de côr natural, tinha na frente uma orla de renda azul, larga, franzida, e, de um lado, um lindo enfeite de hervas agrestes preso por um laço de *moiré bleu foncé*. Passeava sorrindo a gentil trigueira, mostrando o fio de perolas da bocca pequenina, dando o braço á sua amiga J***, que trajava luto pesado... e estava muito triste para que eu pinte ás leitoras a sua *toilette*.

Até breve.

CAROLINA G.

MUSAS RISONHAS

GLORIA FUTURA

No Pantheon das ideaes beldades
Has de brilhar na galeria immensa,
Não ha primor soberbo que te vença,
O' pomba, ó astro, ó luz das raridades!

Ante o teu nome, envolto em claridades,
Em tela azul, illuminada, extensa,
Hade a phalange de immortaes deidades
Curvar-se humilde, sem menor detença.

Deu nome a SAPHO—a genial poesia,
A' ESTHER—a formosura, e a valentia
A' assassina animosa de MARAT.

A ti, mimosa, hade elevar-te á gloria
Esse nariz maior que o monte MORIA,
Que (ingrato) o rosto te esmagando está!

ROMEU ALEGRE.

LAMBREQUINS

—O nosso jornal, dizia um futuro jornalista a uma senhora a quem queria inscrever no numero de seus assignantes, ha de agradar-lhe por força.

—Mas o seu programma? interrompe ella.

—Noticiario e litteroso, responde elle, *bolando as trocas*.

—

Recebe um assassino famoso a primeira visita do advogado celebre que se encarregára de sua defeza. Em presença um do outro soltam ambos um grito de espanto.

—Pois, deveras! Não me engano? E' o meu advogado de ha vinte e cinco annos? exclama o assassino.

—Que! O meu primeiro cliente! faz o advogado. Que estranho acaso! Eu estreiava...

—E eu tambem!

Depois, o assassino, com convicção:

—Ah! Nós temos progredido muito!

—

A virtude é a sugeição da ordem; é o concurso individual para a harmonia geral; é o bello moral em toda a sua sublimidade.

—

A resignação é a doce consequencia de uma grande confiança nos mysteriosos designios do Alto.

—

O homem é o convidado eterno nos festins da [illegible]

—

—Oh! Paulo, andas muito triste!

—Morreu meu tio ANSELMO, o *alienado*.

—Mas, então, herdaste muito?

—Qual! Os bens que elle tinha estavam alienados tambem...

VIVER!...

(A FREDERICO SALGADO)

A vida com amor é a treva immensa,
profundo abysmo aterrador, maldito,
como o sonhar escuro de um precito,
que soffre as ancias de fatal descrença.

E' triste como a vida atroz, sombria,
do ASHAVERUS da lenda; amargurada
como o queixume d'alma desgraçada
nas lentas convulsões de uma agonia.

E' triste como é triste a hora langue
em que o dia se esvae, saudosamente...
e o sol—como uma lagrima de sangue—
vai rolando na face do occidente.

E' triste como a dôr que nos arrasta
aos grandes desalentos pungitivos,
— como o chorar amargo dos captivos,
gemendo aos golpes de cruel vergasta.

A vida com amor!—atroz supplicio,
morte das louras illusões formosas...
—Sonhos de gloria, aspirações ditosas,
tudo absorve o negro precipicio...

—

A vida sem amor é a luz querida
de aurora eterna e phantasias magas,
mixto de sóes e de harmonias vagas,
meiga esperança entre ideaes perdida.

Viver suave, e alegre, e descuidado,
sem longas noites de scismar penoso,
sem queixas de ROMEU apaixonado,
nem suspiros de WERTHER lacrimoso;

largos dias d'esplendidas bonanças,
de vivas expansões, fortes, sinceras,
em que a alma sorri como as creanças
e cantando saúda as primaveras.

—Escravisar a prazenteira idade
a uns olhos de mulher fascinadores,
—é suffocar os juvenis ardores
que nos concita a deusa Liberdade.

E, por isso, eu quizera — temerario —
viver, viver contente, e rir, gozar...
—e em plena luz o coração deixar
expandindo-se livre, ardente—e vario!

. . . .

No emtanto, embalde m'esquivar procuro
me fascina o perigo, e eu amo...e eu corro
ao fogo d'ambição, do anhelo puro
de dar a vida áquella por quem morro.

JORGE RODRIGUES.

A MORTE DO CANTOR

ELLE andou muitos dias triste, merencorio, n'uma attitude scismarenta, de infortunado.

Na sua habitaçãosinha agreste não se notava mais aquella expansividade boa de um espirito sadio e forte. Tudo emmudecera alli e o vago silencio continuado punha uns tons funereos na alegre mansão de outr'ora, onde os cantos festivos partiam-se nos ares em notas crystalinas, frescas, inspiradoras.

Nunca pude saber que estranho soffrimento operára transformação tão rapida e tão completa n'aquelle infeliz.

Conheci-o sempre disposto aos contentamentos animadores da sua idade de aureos sonhos radiosos, de jubilos e de enthusiasmos, — porque elle era moço ainda, muito moço, gosára a vida apenas na quadra descuidosa dos primeiros annos...

Acompanhei-lhe, com extremoso cuidado, o curto tirocinio da existencia.

Era de um natural modesto e amoroso, dedicado, muito affeito ás doces submissões da amisade e da gratidão.

Quando alguem se lhe approximava elle vinha logo pressuroso, reverente, saudar e agradecer o interesse com que o víam, com que lhe admiravam a voz, — esse interesse cordial e affectuoso que a todos inspirava sempre.

Lia-se-lhe no olhar suave, — suave como o ideal lampejo da esperança, — a grande ternura de uma bondade extrema, que lhe inundava a alma ainda mais innocente que o coração de uma virgem . . .

Sua propria alegria tinha como que a doçura de uma alegria do céo.

Cantava com uma graça infinita, com ardor de *virtuose* emerito. Mas, — havia n'aquelle ardor intenso alguma cousa de sagrado e puro; n'aquella graça insinuante percebia-se uma impressão singular de melodia impressiva, ignota e magica.

Dir-se-hia que o seu canto era inspiração de Deus e que para Elle voltava em apaixonados accordes, como endeixas de um coração pleno de amor e de saudade pela celeste Mansão d'onde viera e para onde queria de novo transportar-se; como threnos de um'alma repungida, que no delirio de aspirações impossiveis quizesse fundir-se em melodias canoras para romper os ares e perder-se n'esse infinito que via, ao longe, estender-se sobre a natureza, como uma benção azul do HOMERO omnisciente que escreveu a *Illiada* grandiosa da creação . . .

Ao inverso dos demais cantores, era sempre pela manhã, ao alvorecer d'esses dias limpidos de Outubro, que elle nos extasiava com as notas arrebatadoras de suas cançonetas apaixonadas.

Parecia que a aurora trazia-lhe a febre da inspiração, porque a essa hora elle cantava com todas as impetuosidades e com todos os arroubos do genio.

Era um idolatra do Bello, um verdadeiro — artista. Sentia-se no fervor com que se entregava á especie de paixão que tinha pelo canto, o *quid divinus* das imaginações privilegiadas, das grandes vocações artisticas admiraveis. — E, de repente, fui ferido no coração por um pezar immenso, — mescla dolorosa de sorpreza e de receio, de apprehensões e de maguas . . .

Um dia acordei mas não foi, como sempre, ao som dos *allegros* maviosos e dos suavissimos *adagios* de sua voz. Levantei-me sem demora e fui vêl-o.

Desconheci-o. Falei-lhe commovido, perguntei-lhe o que tinha, o que sentia, si estava doente, si alguem o molestára.

Não me respondeu. Vi, porém, nos seus olhos um agradecimento e uma angustia.

Soffria muito. Prodigalisei-lhe cuidados, dispensei-lhe paternaes disvellos . . . Nada consegui. A sombra de cruel desgosto alli estava, a annuvear-lhe a fronte.

Eu tive um presentimento. Aquella enfermidade inesperada, que lhe modificára tanto os habitos e o genio — fazia-me prever um desenlace fatal . . .

E continuou desde esse dia aquella tristeza, aquella quietação, aquelle desalento.

Hontem desceu á sombria noite de um tumulo . . .

Pobre amigo, extremecido companheiro que me consolaste em tantas horas de amargura e que commigo partilhaste uns rapidos momentos de ventura fugidia! . . .

Que vacuo abriste n'esta vivenda isolada, onde vão-me correndo os longos dias de um padecer interminavel!

Teu chaletsinho agreste alli está frio e deserto, e uns pingos d'agua, que o acaso fez cahir nos seus lambrequins dourados, fazem-me crer que elle chora commigo a morte de seu querido cantor . . .

E agora . . . eu vou perguntar ás alvoradas quem me ha de trazer a animação e o conforto, que eu gosava ao te ouvir cantar as meigas volatas e os alegres trinados sonorosos . . .

E vou achar bem triste a aurora . . . porque tudo é triste á sombra escura da saudade.

Sê feliz n'outra vida, ó meu canariosinho belga, meu inditoso canario . . .

JORGE RODRIGUES.

Morte ao tempo

Guerra ao tyranno que não anda nunca á medida de nossos desejos.

Rapido, quando nos achamos alegres e contentes, e lento, horrorosamente moroso, quando estamos sob uma desagradavel impressão de espirito!

Guerra e guerra de morte!

Eia, portanto, charadistas de ambos os sexos, *aguçai a ponta da perspicacia*, atacai de frente o monstro, e......... sereis recompensados.

O primeiro que conseguir feril-o gravemente terá um exemplar das «Symphonias» do insigne poeta Raymundo Corrêa, e o segundo os «Escriptos em prosa de Guerra Junqueiro.»

A' elles!

—

LOGOGRYPHO

(*Por letras*)

Houve n'outro tempo um homem, 5, 12, 5, 7.
Que viveu sempre correndo, 6, 12, 10.
Apenas nos pés trazendo, 8, 13, 4, 4, 13, 8.
Mais rapidez do que o raio, 9, 7, 6, 12, 1, 9, 7.
Além disso era philosopho, 2, 10, 2, 3.
Esse rico singular, 9, 6, 3, 1, 13.
E quem hade acreditar? 9, 6, 3, 6.
Morreu dentro de um balaio, 4, 3, 1, 5, 10.

Vos posso dizer somente
Que é instrumento excellente.

—

CHARADAS

(*Em quadro*)

De viagem sempre a levo
E vivo nos corações
Mas se o divido em porções
O espaço circumscrevo.

(*Novissima*)

Depois do bobo o «Jornal»—2—2.

Duas vezes aqui é jogo—1—1.

A planta corre na musica um certo tempo—12—1.

Achei graça no instrmento de madeira—1—1.

Quem tem dente morde a gente—1—2

—

PERGUNTA

Qual a palavra de sete letras, á que tirando-se uma, ficam quatro?

E no mais.....

TONG KONG SING.

P. S.—Tudo que for concernente a esta secção, deve ser dirigido em carta fechada e competentemente sellada (si fôr de fora) a *Tong Kong Sing*, que é o ditoso redactor da dita.

RECADOS

SR. J. B. SILVA — Oh! senhor, tenha um pouco mais de amor ao proximo. Doze dias antes de apparecer o alegre «Domingo» n'este valle de lagrimas, já o senhor nos manda aquella choradeira? Sempre é ser muito cruel...

EXMA. SRA. D. I... — V. exa. é de uma amabilidade... Agradecemos as saudações... e os versos. Bellos estão elles, bellissimos, magnificos; só esta quadrinha...

> Salvé, pois, gentil semanario,
> que entre todos eu distingo,
> Do espirito sacrario,
> Sê bem ditoso, ó «Domingo.»

Mas... bem vê que offende impiedosamente a nossa modestia ... e algum ouvido de leitora exigente. «Sacrario do espirito...» nós! Ah! minha senhora, V. Exa. confunde-nos!

AO PHAROL, Juiz de Fóra. — Si a palavra é de prata, o silencio é de ouro.

SR. AGENOR M. — Não está mal informado, não senhor.

Como declaramos no artigo—«Ao trabalho, poetas,» publicaremos de boa vontade os escriptos que nos forem enviados, mas ha uma condição «sine qua...» E seu soneto...

O verso «Dos tempos meus felizes me recordando» não é hendecasyllabo.

Leia alguma cousa de metrificação e cá estamos,

SR. M. O. — Tambem ao senhor não nos é possivel ser agradavel. Seu conto — «O Rei das Orgias» — não é incorrecto, mas pecca por não ter nada de original.

Demais, «seu» Paulo é um borracho de força e chamal-o rei é... acoroçoar o vicio.

Mande-nos novidades.

Uma excentricidade

O sr. Carlinhos Roxo é um rapaz sympathico, que anda sempre vermelho—de contentamento.

E' um *gommeux* sadio, rubicundo, faceiro como elle só. Tem todos os riquisitos do *dandy* de primeira ordem... e mais alguns. Podia cântar o *me gustam todas* que, em geral, nunca havia de ser tido em conta de immodesto.

Entretanto era um nervoso. Sim, um tanto nervoso, diziam, porque, alem de seus dotes de sympathia possuia—uma excentricidade.

Não era raro vêr-se o nosso amigo atarantado, cofiando o bigodinho louro, arrancando-lhe impiedoso os fios, que não eram muitos, a final de contas.

Depois das refeições, principalmente, depois de um café... era quando o *leão* levantava a juba e sahia irritadiço, esbarrando em quantos abdomens mais ou menos rolliços encontrava pelo caminho...

Era a hora da *excentricidade* do aliás sempre amavel conquistador Carlinhos Roxo,—como o chamavam. A exquisitice prendia-se a um facto muito simples, muito insignificante..

A hora de fumar era a fatal hora em que o nosso héroe *fumava*...

Sua ambição suprema era encontrar uns cigarros que elle havia sonhado; uns cigarros de sabôr—unico, de perfume tão embriagante, que o fizesse sonhar com languidas odaliscas e deidades mais bellas que todas as suas conquistas passadas e presentes—que, em verdade, não eram poucas... Oh! um cigarro *d'aquelles*.. murmurava elle nesses instantes terriveis de desejos.

Este — *aquelles* — se referia aos taes, que elle fumára em sonhos, numa noite, depois do baile do dr. B***. Guardára a lembrança do sabor e do perfume... Mas, onde encontral-os? Onde?

Por muito tempo andou triste, o nosso lepido janota, pezaroso, desanimado. As suas muitas pretendentes julgavam-no devéras apaixonado.

— Desta vez, *cahiu!* diziam, enciumadas, entre si as moçoilas.

Carlinhos esquecia-se de fazer a barba, vagava a ésmo pelas ruas em frias noites de inverno e tudo aquillo fazia uuma especie de allucinação... O rapaz soffria muito.

O seu ideal, o cigarro que sonhara, de gosto inexpremivel e de perfume divino.. Onde encontral-o?

Hontem todo o mundo sorprehendeu-se. O Roxo reconquistara a sua vermelhidão sadia, de espirito alegre e satisfeito.

Veio á S. João d'El-Rei, por doente, entrou em casa de Gomes & Rios, comprou de uns magnificos cigarros que alli se vendem, e...

— *Eureka!* bradou jubiloso, num enthusiasmo de naufrago, que encontra a taboa salvadora.

— Achei? Eil-os! Senhor, diz ao dono da casa, compro-lhe todos os cigarros que tiver desta qualidade.

Os srs. Gomes & Rios venderam-lhe apenas grande porção e ainda conservam um completo e variado sortimento dos taes ambicionados cigarros.

Carlinhos Roxo *azulou* de contente; não, entretanto, sem ficar sabendo que em casa dos srs. Gomes & Rios, rua do Commercio n. 11, ha charutos magnificos, cigarros especialissimos, desses que só se conhecem *por sonhos*, e piteiras, bolsas, objectos para fumistas—o que ha de melhor no genero.

Uma coisa esplendida, o successo de Carlinhos Roxo, Esplendida!

E não será isso uma attracção para os illustres fumistas cá da terra?

Oh! insignes fumistas e astrologos... do céo das *hourys*, ide á *Estrella de S João*, que não é das de infima grandesa.

DR. RÉCLAME.